

Resenha do livro *Les Multinationales et la Mise en Concurrence des Salariés**

André Luís Forti Scherer

*Economista, Técnico da FEE e Professor
do Departamento de Economia da PUCRS.*

No grande conjunto de obras dedicadas recentemente ao tema da mundialização da economia, esse livro apresenta um interesse particular.

Sua importância decorre, primordialmente, do objeto focado por Claude Pottier e do tratamento inusual a ele conferido. O processo de mundialização tem sido, acertadamente, abordado a partir de sua face mais visível e “espetacular”, a mundialização financeira. Nessa obra, tem-se um enfoque distinto e complementar do fenômeno, com a retomada do estudo dos efeitos da internacionalização da produção sobre o mundo do trabalho e sobre a geografia da produção, em um processo que tem sua origem nas estratégias conscientes das empresas multinacionais da indústria e dos serviços e que se convencionou denominar, em contraposição à sua face financeira, mundialização produtiva.¹

A mundialização, entendida (na sequência da conhecida obra **A Mundialização do Capital**, de François Chesnais) como a ampliação da liberdade de movimentos para os capitais financeiro e multinacional, contrapõe-se à imobilidade forçada da mão-de-obra, gerando o que Pottier denomina “entrada em concorrência” dos trabalhadores em escala mundial. Esta decorre fundamentalmente da liberalização do comércio mundial e das especializações produtivas construídas pelos fluxos de investimento estrangeiro direto, como bem demonstra o autor em uma crítica avassaladora da teoria tradicional do comércio internacional, baseada nas vantagens comparativas e na especialização produtiva dos países a partir de sua dotação relativa dos fatores capital e trabalho. Assim, nesse livro, a direção e a intensidade dos fluxos comerciais são decorrência da estratégia

* Obra de Claude Pottier, Ed. L' Harmattan, Collection Mondialisation et Travail, Paris, 2003, 252 p.

¹ No entanto, ao mesmo tempo em que restringe o seu objeto de estudo aos impactos da internacionalização da economia nas condições de trabalho, o autor reconhece, em várias passagens da obra, que essas transformações se encontram subordinadas aos interesses dos controladores financeiros das grandes corporações.

das empresas multinacionais² e somente pode ser apreendida a partir dessa realidade.

Na busca pela redução do custo unitário de produção, têm-se a intensificação dos processos de relocação de atividades produtivas e a constituição de bases das empresas multinacionais em suas zonas de influência específicas aos três pólos da tríade. Essa movimentação decorre de oportunidades que resultam da concessão de garantias cada vez mais importantes aos investidores estrangeiros nos países periféricos.

Constituem-se, desse modo, a pressão econômica e a base política, que resultarão na construção de espaços supranacionais, os quais permitirão a essas empresas um investimento que combina em sua estratégia a racionalização da produção e a busca de novos mercados. Essa combinação está na origem da chamada regionalização da economia, com a constituição de blocos econômicos que, na maior parte das vezes, se contentam em ser zonas de livre-comércio e de proteção aos interesses dos investidores estrangeiros, aí incluídos aqueles dedicados apenas às aplicações financeiras.

No entanto, o livro de Pottier mostra que a concorrência internacional entre trabalhadores se estende progressivamente em direção a ramos de atividade tecnologicamente cada vez mais sofisticados. Para o autor, a apreensão dessa realidade somente é possível com o abandono do quadro teórico tradicional, o qual confere o lugar central ao comércio internacional (sem deixar de reconhecer o papel fundamental da liberalização e da desregulamentação do comércio internacional) e sua substituição pela combinação de elementos da economia industrial com as teorias que explicam o investimento direto estrangeiro.

A primeira, e mais interessante, parte da obra, intitulada **A Mobilidade Internacional do Capital Produtivo**, é, assim, dedicada a essa construção teórica complexa e tributária de várias referências, tendo por tema geral a mobilidade internacional do capital produtivo. Inicialmente, Pottier aplica-se em mostrar as estratégias e as condições político-institucionais que permitem às empresas multinacionais adotarem uma estratégia de minimização do custo da mão-de-obra em escala mundial. Na seqüência, o autor refuta a tese, ainda bastante presente na academia brasileira, que ressalta o caráter não específico do processo de mundialização contemporâneo. Segundo essa proposição, a mundialização seria um mito mediático que não apresentaria diferenças frente aos processos anteriores de internacionalização do capital, versão que é

² Essa estratégia diz respeito não apenas à localização, mas também leva em conta a própria rivalidade oligopolística e as necessidades de centralização do capital, dentre outros fatores.

desmontada a partir da análise das tendências recentes quanto às formas do investimento direto estrangeiro enquanto expressão das estratégias atuais de valorização do capital das empresas multinacionais. Essa parte teórica inicial, que não deixa de lançar mão de dados detalhados sobre os fenômenos em tela, finaliza em um capítulo sobre o papel que têm os países que apresentam baixos salários para a estratégia das firmas multinacionais, ressaltando que “(...) a mundialização e a inovação tecnológica amplificaram todas as formas de concorrência, e, em primeiro lugar, aquelas ligadas aos custos de produção” (Pottier, 2003, p. 62).

Na segunda parte, denominada **A Constituição de Bases Produtivas de Baixo Custo do Trabalho na Periferia dos Três Pólos da Triade**, Pottier analisa a estratégia de implantação das empresas multinacionais em países que se encontram na periferia de suas zonas de origem (Europa, Estados Unidos e Japão). Aqui, a abordagem teórica parte do reconhecimento da combinação das vantagens decorrentes do baixo custo da mão-de-obra com aquelas ligadas às “economias de proximidade”.

As vantagens de uma localização próxima ao país-sede decorreriam tanto da necessidade de otimização dos fluxos ligados à informação (produção, P&D e *marketing*) como da melhor eficiência do controle dos fluxos ligados à produção (controle dos subcontratados, bens intermediários, etc.). Ou seja, sem desconhecer os aportes e as possibilidades abertas pelas tecnologias da informação, estas não suprimem, mas, sim, combinam-se às vantagens de proximidade. Para o autor, não há, por parte das empresas multinacionais, uma escolha entre vantagens de custo provenientes de fontes diversas, mas, sim, sempre que existe a possibilidade, há uma soma de todas essas fontes alternativas de redução de custos, com a proximidade do centro encontrando-se entre estas.

São analisados, então, com riqueza de detalhes e dados, os investimentos diretos norte-americanos no México, os das empresas japonesas na Ásia Oriental e os das multinacionais européias nos países da Europa Central e Oriental. Fica evidente, em todos os casos, o papel dessas empresas na capacidade desses países de utilizarem e adaptarem processos de produção e tecnologia de ponta, sem, contudo, desenvolverem localmente novas tecnologias. Constata-se que as atividades produtivas desenvolvidas na periferia se distanciam cada vez mais da mera montagem de produtos, aproximando-se cada vez mais de um “verdadeiro processo de fabricação”, com a utilização de tecnologia cada vez mais próxima daquelas empregadas nos países centrais. O movimento nessa direção teria tomado forma a partir dos anos 80.

Abre-se, assim, uma brecha para um novo tipo de exploração das disparidades nas condições de salário e capacitação internacionais e inter-regionais

por parte das empresas multinacionais, combinando uma elevada produtividade e a manutenção das desigualdades de custo decorrentes dos baixos salários nos países periféricos. Ao permitirem todo tipo de importação e de exportação de produtos finais e de matérias-primas entre centro e periferia, os acordos regionais de livre-comércio aparecem claramente como o coroamento da estratégia de crescimento das empresas multinacionais, possibilitando tanto a redução dos custos quanto o crescimento dos mercados buscados pelas empresas.

A terceira e última parte do livro trata dos impactos dessa realocização dos processos produtivos sobre os mercados de trabalho, sobretudo sobre aqueles dos países desenvolvidos. Os estudos que mostram as tentativas de mensuração dos efeitos da transferência de processos produtivos para filiais de países periféricos sobre os trabalhadores das filiais de países centrais se mostram bastante mais conclusivos em relação às perdas de emprego e salário nos países desenvolvidos do que aqueles que levam em conta apenas a importância do comércio entre países desenvolvidos e menos desenvolvidos, conforme uma revisão crítica da literatura que busca medir esses efeitos.

Essa constatação conduz o autor a centrar seus esforços na busca da compreensão das especificidades do trabalho que se coloca sob concorrência, tendo como fio condutor as estratégias das empresas multinacionais e não mais uma tentativa de medir esses efeitos. Isso implica a elaboração de uma tipologia que retire a natureza do trabalho da camisa-de-força imposta pela teoria dominante do comércio internacional (qualificado e não qualificado), reconhecendo que existem produtos e serviços (e, portanto, categorias profissionais) mais expostos à concorrência internacional do que outros. Para estes, o resultado é uma baixa de sua remuneração nos países desenvolvidos (mesmo para segmentos que podem ser comumente considerados como “qualificados”, como engenheiros por exemplo), sem que se possa constatar uma elevação da remuneração nas filiais das empresas localizadas em países com baixos salários.³

Por último, são analisadas as alternativas de regulação da relação capital-trabalho em um contexto de livre mobilidade das empresas multinacionais. Explicita-se aqui toda a dificuldade em dar um tratamento teórico a essa questão que separe o capital produtivo do capital financeiro, o que acaba resultando em uma fragilidade estrutural das propostas analisadas. A questão da regulação da mobilidade dos capitais é mais facilmente apreendida no contexto do controle dos resultados financeiros das empresas e de seus investimentos.

³ Salvo nos países pequenos, onde a mão-de-obra não se encontra disponível na mesma proporção que em países como Índia, México, China e Brasil.

O tema do impacto das realocações no mercado de trabalho dos países desenvolvidos vem ganhando relevância no debate político, nesses países. Nesse sentido, observa-se a recrudescência do debate sobre a “exportação de empregos”, que tem se imiscuído com crescente visibilidade nas eleições norte-americanas. Segundo a revista **The Economist**, esse tornou-se um “tema político quente” naquele país, em um contexto no qual o crescimento do número de empregos tem ficado bastante aquém do esperado, mesmo com o reaquecimento da atividade econômica.

É importante salientar que o tema da intensificação da concorrência entre os trabalhadores a partir das estratégias de realocação da base produtiva das multinacionais, apesar de objeto central do estudo, trabalha com uma série de limitações reconhecidas pelo autor. O autor reconhece a impossibilidade de isolar os efeitos da estratégia de realocação das empresas sobre os mercados de trabalho nacionais (aí incluídas as formas de organização do processo de trabalho) daqueles que decorrem do impacto da dominação do capital financeiro, em sua exigência ilimitada quanto à liberdade de dispôr como bem lhe aprouver da mão-de-obra. Esse livro pode ser apreendido em sua importância a partir da originalidade e da relevância das questões que desperta para pesquisas futuras, as quais devem se estender aos impactos desses novos modos de organização da produção sobre o trabalho nos países periféricos.